

JORGE DE SENA • JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA

# CORRESPONDÊNCIA



BIBLIOTECA DE **AUTORES**  
**PORTUGUESES**

## INTRODUÇÃO A UMA CORRESPONDÊNCIA (1948-1978)

Os seus livros de poemas formam uma obra poética importante [...] de grande significado para nós [...]. Supor para breve a compreensão do mito de António-Rei que um poeta pôde inventar, a partir da complicada dialéctica do seu tempo.

JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA,  
in *Tetracórnio*, 1955.

Tu disseste aquilo, como ninguém, em 1955... homem.

JORGE DE SENA,  
carta de 24 de Maio de 1978.

«Conversa c/ J. de Sena», diz a minha agenda no sábado 29 de Maio de 1948, e nenhuma menção de encontro anterior nela aparece. Onde a conversa? Provavelmente na Smarta que então eu frequentava à tarde, com alguns amigos, e na véspera lá estivera com o Casais Monteiro. E lembro-me de que foi Casais (ou António Pedro?) quem nos apresentou, um ao outro. Lê-lo, já eu fizera, e muito, nas colunas do *Mundo Literário*, com a ideia de que «sempre que era necessário alguém para escrever com inteligência sobre uma coisa difícil, a ele se recorria». Escrevi-o em páginas de Memórias, em 2000. Ouvira-o numa conferência na SNBA, lera-lhe o segundo volume de poemas *Coroa da Terra*, por sinal que em viagem de avião para o Porto, num *Dakota* primário, a primeira em que eu sobrevoa-

va tal terra... Dez dias depois, sempre segundo a agenda, a 9 de Junho, à noite, fui a casa do Jorge de Sena na Rua José Falcão. Mais encontros houve depois, até ao fim do ano, na Smarta, em casa dele, no Estoril, ao longo do Verão, em minha casa, já com a Mécia, em 9 de Novembro. E correio meu desde 30 de Agosto de 1948, a convidá-lo a almoçar no Estoril, e dele desde 2 de Março de 1949 a participar o casamento com a Mécia, e em 12 de Dezembro a dar notícia do nascimento do primeiro dos nove filhos que haveria, a Isabel Maria... Iriam ser cerca de 130 cartas e (numerosos) bilhetes meus, até 8 de Maio de 1978, carta recebida por ele a 24, mas já respondida a 25 pela Mécia («O Jorge responderá quando se sentir com um pouco mais de ânimo que agora lhe tem faltado»), mas no próprio dia 24 Jorge de Sena me escrevera ainda, 100.<sup>a</sup> carta dele — falando em «recuperação» do cancro que lhe fora subitamente diagnosticado em Abril: «E por aqui me fico, momentaneamente exausto.» As últimas linhas, manuscritas em letra trémula, diziam: «Dá muitas lembranças ao Zé [Blanc de Portugal] e mais um abraço do Jorge.»

Morreria a 4 de Junho.



Durante trinta anos quase exactos se processou esta correspondência, em Lisboa, quando ainda se escreviam bilhetes-postais para marcar encontros na cidade (é verdade que Jorge de Sena não punha telefone em casa, na vida difícil que tinha, vivendo com a mãe), de e para o Brasil, desde 1959 até 1965, e para os Estados Unidos depois, e também de e para Paris, entre 1959 e 1963, e em outras alturas, conforme estadas e viagens de um e outro correspondente. Houve anos de mais correio, outros mais espaçados, por afazeres ou acasos (e alguns possíveis extravios) — e foram coisas correntes, projectos e edições, colaborações e convites, notícias familiares, encomendas de livros, leituras, espectáculos, viagens e obras em curso ou no prelo, ou saídas e mutuamente enviadas, e apreciadas, comentários de factos e gentes, com opiniões suaves ou agrestes, como era e continua a ser corrente entre correspondentes... E por funções oficiais respectivas, nos dois últimos anos, e etc.

O relançamento dos *Cadernos de Poesia*, desejado em 1951 por Jorge de Sena, que colaborara na 1.<sup>a</sup> série, de 1941, foi assunto de muitas cartas mútuas. A nova direcção era composta, como se sabe, por dois dos antigos directores, José Blanc de Portugal e Ruy Cinatti, então ausentes de Portugal, com desistência do terceiro, Tomaz Kim (por receio de compromisso político perante os novos dirigentes), Jorge de Sena e eu, que Sena convidara — e que, de entrada, quisera publicar na primeira capa um desenho de Vespeira, surrealista da exposição de 1949 e por isso à esquerda, ou esquerdíssima, conotado. Foi esse o motivo ou pretexto da saída de Kim, de quem mais tarde Sena se queixaria. Sumários, colaboradores, fabricações e vendas (com tiragem especial contratada com o comerciante bibliófilo do Porto Álvaro Bordalo, para cobrir perdas, na mini-economia de bolso da edição — que de amadores era e só podia ser, então em Portugal...) foram assuntos constantes neste período, e origem de um conflito com Casais Monteiro que, começando por se zangar comigo (e com razão, por eu ter entregue no círculo dominical de José Marinho a «missa do Marinho», no café Palladium, primeiros exemplares do seu caderno sobre Pessoa que lhe levava de propósito a ele, nessa manhã ausente, da tipografia vizinha na Travessa do Fala-Só) entrou em briga com os *Cadernos* por uma questão de direitos de autor que ninguém tinha... Zanguei-me eu então, já de relações cortadas com o Casais, e quis sair do grupo. Sena impediu-me de o fazer com apelos de amizade, e 3.<sup>a</sup> série foi publicada em 1951, só de três números, por um desinteresse crescente de todos, ou seja, do Sena e de mim, que na verdade José Blanc e Cinatti pouco ou nenhum sinal de vida davam. Esta a história dos *Cadernos de Poesia*, aliás cortada por outro conflito, menor e assaz cómico com o Cesariny (que conto em carta). E temperada aqui e ali por comentários do Jorge de Sena em relação a publicações paralelas e nem sempre inocentemente rivais, nesta vida intelectual nacional ou lisboeta, ainda e só do Chiado-Brasileira, também minimamente portuense ou coimbrã, nos anos 50 do século.

Em anedota nacional e marginal, em 2004 fui surpreendido, por simples acaso, com uma notícia de jornal sobre a reedição fac-similada dos *Cadernos*, todos eles e com prefácio universitário, feito pelas edições Campo das Letras, do Porto — sem autorização, e ainda menos direitos de autor, sequer



envio de algum exemplar... Disse aos sujeitos o que pensava de tal procedimento, como último sobrevivente dos organizadores; desfizeram-se em desculpas e não apresentei queixa à polícia... O que não teria dito e feito o Jorge de Sena!...

Foram esses anos também ocupados pela iniciativa das «Terças-Feiras Clássicas» no Tivoli, do JUBA do Guilherme Filipe, comigo mais ou menos ao leme, e excelente colaboração de comentários aos filmes, do Jorge, em textos que em 1988 a Cinemateca publicaria. E também, ainda editorialmente, pela revista-não-revista *Unicórnio-Pentacórnio*, entre 1951 e 1956, obra minha e ardilosa por não ter podido lançar pela Confluência (de que me ocupava, pouco com o António Pedro, na edição conspícua do magno *Dicionário de Moraes*, desde 1948) uma revista que teria o mesmo nome, espécie que então falecia no País, mas cujo projecto me trouxe altos perigos de censura e PIDE. Dela falo em 12 de Novembro de 1950, e do caso nas tais Memórias.

Nos *Unicórnios* foi mais constante colaborador Jorge de Sena, em poesia, ensaio e drama (a «Ulisseia Adúltera»...), como era óbvio e nosso desejo mútuo. E ao *Tetracórnio* em 1955 deu ele um notável bosquejo da história de meio século de literatura portuguesa que ninguém mais faria assim, com tão agilíssima informação.

Por aí as cartas dão notícia de uma discordância crítica do Jorge que detestou umas «parábolas» minhas para o 1.º número, «Azazel» e mais duas ou três. Respondi-lhe discutindo, com pena, ele que tanto, e então sozinho, tinha avaliado na Portucale um romance meu publicado ao fim de 1949. Mesmo mais tarde, quando fiz de «Azazel» peça de teatro, Jorge de Sena não gostou da coisa... Ainda mais tarde, em 1961 foi a minha vez de ter ficado algo decepcionado com os seus contos de *Andanças do Demónio*, aí com grave indignação do autor que me contestou vivamente as impressões críticas. Relendo depois os contos, e mais os de dois volumes seguintes, e sobretudo de *Os Grão-Capitães*, publicados quando foi possível, após o 25 de Abril, vi bem que me tinha enganado... Quanto ao seu romance (que seria postumamente *Sinais de Fogo*), anunciou-me o Jorge o começo da sua escrita em 3 de Março de 1965; duzentas páginas já feitas em 29 desse mês! Havia de ser, postumamente, creio eu, o maior romance português da segunda metade do século...

## ÍNDICE GERAL

|   |     |
|---|-----|
| Introdução a uma correspondência (1948-1978),<br>por JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA .....                          | 7   |
| Acerca desta correspondência,<br>por MÉCIA DE SENA .....  | 19  |
| Dedicatórias de Jorge de Sena a José-Augusto França .....   | 21  |
| Dedicatórias de José-Augusto França a Jorge de Sena .....   | 27  |
| Correspondência de Jorge de Sena para José-Augusto França<br>(locais, datas e outras informações) ..... | 33  |
| Correspondência de José-Augusto França para Jorge de Sena<br>(locais, datas e outras informações) ..... | 37  |
| CORRESPONDÊNCIA .....   | 41  |
| Notas seguindo a data das cartas dentro do diálogo .....  | 419 |
| *   |     |
| <i>Índice onomástico</i> .....  | 433 |